1

Introdução e formulação da situação-problema

Na indústria farmacêutica, a inovação representa sua força motriz. Algumas inovações proporcionaram grande impacto nos tratamentos como a descoberta da penicilina, por Fleming, em 1928, e sua produção em escala industrial, decorrente do esforço científico e tecnológico durante a Segunda Grande Guerra. Na década de 1950, a descoberta da estrutura do DNA serviu de base para o desenvolvimento de uma nova geração de fármacos, por meio da utilização de processos biológicos que utilizam técnicas de engenharia genética, denominados biofármacos, a partir dos anos 1980.

Apresentaram-se novas tendências revolucionárias como, por exemplo, a medicina personalizada voltada para a predição e previsão de doenças, a terapia celular e a terapia gênica, parecem começar a sair do campo de promessa para tornar-se realidade. O avanço tecnológico na saúde torna-se possível graças ao encontro sinérgico da “velha” e da “nova” ciência. Assim, a química orgânica, a biologia, a informática, a genômica, a nanotecnologia e a biotecnologia formam um imbricado científico-tecnológico que, se por um lado permite o avanço tecnológico, por outro impõe enorme desafio aos atores desta indústria.

Nesse sentido, a capacidade e a velocidade de adaptação e de integração, tanto das empresas, como dos sistemas regulatórios, a estas novas tecnologias serão fundamentais para incrementar a eficiência e reduzir o chamado *innovation gap*¹, contribuindo, assim, para o lançamento de drogas e tratamentos mais efetivos e, conseqüentemente, para a redução dos gastos com a saúde. (22nd Annual Report on the Industry, 2008).

¹ total investido em Pesquisa e Desenvolvimento/ lançamento de novas drogas por ano

Segundo o IMS Health Market Prognosis, o mercado farmacêutico mundial montou a US\$ 773 bilhões, em 2008, e poderá atingir US\$ 1.3 trilhão em 2020 (Burrill&Company, 2008). Se, por um lado, o mercado farmacêutico global apresenta perspectiva de crescimento, impulsionado pelo aumento da demanda de medicamentos decorrente de mudanças demográficas consideráveis, em especial o crescimento da população nos países em desenvolvimento, bem como da mudança do perfil epidemiológico como um todo, com destaque para doenças coronarianas, degenerativas e câncer, por outro, há maior rigor regulatório, pressões dos governos para redução dos gastos públicos com saúde e a concorrência acirrada dos medicamentos genéricos.

Para fazer frente a esses desafios, a capacidade de inovação permanente é fator crítico para a busca da tão almejada vantagem competitiva sustentável. Os desafios que se impõem às empresas dessa indústria são enormes, particularmente se for considerada a atual taxa decrescente da produtividade da pesquisa e processo de desenvolvimento de novas drogas, que culminou na redução do ritmo de lançamento de novos medicamentos. (LAFIS, 2009)

A origem do termo “competência” remonta à tradição da abordagem conhecida como Visão Baseada em Recursos - VBR (Penrose, 1959; Wenerfelt, 1984; Barney,1991). O termo é visto, ainda, como desdobramento do conceito de *core competences* (PRAHALAD e HAMEL, 2000), base teórica para o presente estudo.

O esforço inovador de uma empresa não reside apenas em seus gastos de P&D ou no número de doutores em seu quadro funcional, mas sim em um conjunto de competências desenvolvidas ao longo do tempo no âmbito interno da organização. A capacidade inovadora de uma empresa não surge instantaneamente, somente por meio da vontade de “ser inovadora”. Bem mais complexa, a atividade inovadora é um processo cumulativo, resultante de persistente e, normalmente, longa trajetória de acumulação de certas competências que, aos poucos, vão se internalizando no seio organizacional, por meio de procedimentos, rotinas, máquinas, relações e pessoas.

Dado o grau de dinamismo da indústria farmacêutica, fortemente intensiva em tecnologia e ciência, parece razoável supor que somente algumas empresas, com certo grau de acumulação de competências para a inovação, poderão aspirar de fato a lançar produtos e serviços inovadores no mercado e, assim, encontrar posicionamentos competitivos sustentáveis.

A maioria das pesquisas envolvendo inovação utiliza indicadores numericamente quantificáveis e faz uma abordagem sobre o assunto apenas a partir de uma fotografia dos resultados econômicos obtidos pelas firmas, seus investimentos financeiros diretos em pesquisa e desenvolvimento - P&D e outros indicadores que geram uma “medida” da inovação. Contudo, como mencionado, a inovação é consequência de um processo de acumulação de determinadas competências, ditas competências para inovação. Assim, a identificação e a análise do grau de internalização dessas competências nas empresas apresenta-se como valioso instrumento para elaboração de estratégias competitivas de longo prazo, bem como para elaboração de políticas públicas para uma determinada indústria (Alves, 2005),

O Manual de Oslo, elaborado pela *Organisation for Economic Co-operation and Development* - OCDE (2005), coloca que uma das razões para se coletar dados sobre inovação é para melhor entender a inovação e sua relação com o crescimento econômico. Isso requer tanto o conhecimento de atividades de inovação que produzem um impacto direto no desempenho da firma (como, por exemplo, maior demanda ou redução de custos) como dos fatores que afetam a habilidade em inovar. Outra proposta é providenciar indicadores de performance para *benchmarking* nacional.

Segundo o artigo elaborado por Brito, Brito, e Morganti (2009), embora a relação conceitual entre inovação e desempenho esteja conceitualmente estabelecida, esse esforço de comprovação ainda não trouxe resultados conclusivos. Os autores utilizaram variáveis quantitativas da base de dados da Pesquisa de Inovação Tecnológica - PINTEC, indicadores de lucratividade e de crescimento retirados da base de dados do Balanço Anual da *Gazeta Mercantil* para a realização de um

estudo com o setor químico para a inovação e o desempenho Empresarial. Os resultados mostraram uma relação positiva entre inovação e crescimento, mas não em relação à lucratividade.

A presente pesquisa investiga a seguinte questão: *A partir da Visão da Firma Baseada em Recursos, quais são as competências para inovar da indústria farmacêutica brasileira, em que grau estão desenvolvidas e qual a correlação entre esta capacidade inovadora e o desempenho competitivo das empresas de capital nacional¹ produtoras de medicamentos (fármacos) no país?*

1.1. Objetivos

1.1.1. Objetivo final

O objetivo final da pesquisa é identificar a presença e o nível de desenvolvimento de competências para a inovação e até que ponto a presença destas competências em uma amostra de empresas nacionais da indústria farmacêutica brasileira está relacionada com seu desempenho competitivo.

1.1.2. Objetivos intermediários

Para ter êxito na pesquisa, alguns objetivos intermediários precisam ser alcançados:

- estruturar o instrumento de pesquisa escolhido para ser aplicado no esforço de identificação das competências necessárias para inovar na indústria farmacêutica nacional, a partir de sua validação com especialistas desse setor;
- definir a amostra das empresas, de capital nacional, pertencentes à indústria farmacêutica brasileira;
- selecionar indicadores que representem o desempenho competitivo das empresas contidas na amostra selecionada;

- identificar e analisar o nível de internalização das competências para inovar na amostra de empresas nacionais selecionada da indústria farmacêutica nacional, com base nos resultados obtidos da pesquisa; e
- investigar em que grau a existência de capacidade inovadora nas empresas de capital nacional da indústria farmacêutica brasileira está correlacionada com seu desempenho no período de 2004 a 2008.

1.2.

Delimitação do estudo

O presente estudo pretende identificar até que ponto a presença de competências para a inovação, em uma amostra de empresas nacionais da indústria farmacêutica brasileira, está relacionada com seu desempenho competitivo.

A indústria farmacêutica brasileira é composta por cerca de 600 empresas, entre multinacionais e nacionais. Especificamente, o presente trabalho tem como foco a análise da capacidade inovadora de uma amostra de produtores nacionais de medicamentos, pertencentes ao segundo elo da cadeia farmacêutica. Não foram investigadas filiais brasileiras de empresas de controle estrangeiro, empresas especializadas na produção de farmoquímicos (insumos farmacêuticos ativos), nem tampouco os produtores públicos de medicamentos, representados pelos laboratórios oficiais do Brasil.

Em relação aos indicadores de desempenho, o estudo analisou dados a partir de 2004, ano da introdução da Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior – PITCE.

1.3.

Relevância do estudo

A proposta de trabalho aqui apresentada mostra-se relevante em função de diversos aspectos.

No macro-ambiente das empresas da indústria farmacêutica brasileira, destaca-se o ambiente político-legal. O Governo é o gestor e executor da Política Nacional de Saúde - PNS, além de exercer forte influência sobre o setor por meio da regulação, mais especificamente pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA. Sob a ótica da demanda pública, observa-se uma oportunidade para as empresas nacionais uma vez que um dos principais objetivos da PNS é elevar o acesso da população aos serviços e produtos de saúde e o Governo pretende reduzir a vulnerabilidade da própria PNS, por meio da maior internalização de capacidade produtiva no país.

No lado da demanda privada, o quadro não é diferente. Consumidores menos sensíveis a preço sempre buscarão, através do receituário médico, adquirir medicamentos inovadores, produzidos por empresas associadas com a atividade inovadora. Com a pressão exercida pelos medicamentos genéricos, as multinacionais encontraram meios para a extensão das patentes por meio de patente de formulação e de forma cristalina do insumo farmacêutica ativo. Isto obriga também as empresas aspirantes à produção de genéricos a certo grau de inovação, ainda que incremental.

A mudança na trajetória tecnológica da indústria farmacêutica, proporcionada pela biotecnologia também obriga, quase que necessariamente, as empresas do setor a uma atividade inovadora mais sistemática, ainda que em arranjos colaborativos com instituições científicas e tecnológicas e com pequenas empresas, especializadas no novo paradigma tecnológico.

Assim, não parece exagero afirmar que o “motor” da indústria farmacêutica é a atividade inovadora. Sem uma inserção sistemática da inovação em suas estratégias, as empresas farmacêuticas nacionais não deverão encontrar posicionamentos competitivos favoráveis e sustentáveis no longo prazo. O presente estudo pretende identificar em que grau estão internalizadas as competências para inovar nas empresas farmacêuticas nacionais, a partir do estudo de uma amostra de conveniências. Sua relevância se acentua, ainda, quando observado seu

objetivo final, ou seja, identificar a existência, de fato, de correlação entre a presença de competências para inovar e o desempenho competitivo.

O assunto é de grande valia tanto para as empresas inseridas no setor farmacêutico brasileiro, como também para os demais atores do Complexo Industrial da Saúde quais sejam: entidades de classe; órgãos reguladores; formuladores de políticas que suportam as atividades de inovação, academia, instituições de pesquisa; investidores e credores, profissionais da saúde e para a população usuária de medicamentos.